

DIÁLOGOS SOBRE PESQUISA EM GÊNERO E EDUCAÇÃO NO ASSENTAMENTO MARIA DA CONCEIÇÃO EM ORIZONA/GOIÁS

Manoela Marilda Batista Barbosa¹

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Goiás (PPGAS/UEG). Especialista em Gestão de Empreendimentos Turísticos e Eventos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Graduada em Hotelaria pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) e em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Educação Rural no Brasil (NEPERBR). Bolsista da Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: O objetivo deste estudo é apresentar os conceitos sobre Teoria do Conhecimento, Complexidade, Interdisciplinaridade, Ética, Ciência e Responsabilidade e a sua importância para o desenvolvimento da pesquisa intitulada de “Processos Formativos do Feminismo na Educação do Campo: Análise Situacional no Assentamento Maria da Conceição (Orizona/GO)”. As aproximações iniciais sobre estes conceitos subsidiarão as nossas investigações sobre o processo de resistência em que as populações rurais se encontram, em especial, as mulheres sobre os seus direitos, nem sempre assegurados na sociedade capitalista. Buscamos investigar o processo de transformação das mulheres como protagonistas de suas realidades, por meio da formação escolar como recurso para o entendimento e contestação das práticas e relações socioeconômicas características do universo capitalista. O desenvolvimento da pesquisa é orientado pelas bases epistemológicas do materialismo histórico-dialético, o que implica assumir a realidade como concreta, síntese de múltiplas determinações, portanto, a unidade na diversidade. Tomamos por referência inicial a pesquisa bibliográfica, pois entendemos que propicia embasamento teórico para alcançar parte de nossos objetivos. Entendemos que a produção do conhecimento científico permeia a organização social desde o início da humanidade e não apenas no homem contemporâneo. A discussão ora desenvolvida abrange a possibilidade de conhecimento interdisciplinar, visto que temas relacionados à vida das mulheres nessa comunidade, sua alimentação, saúde, o vínculo e o cuidado com a terra, com as plantas e com os animais, seus costumes de forma geral são fundamentais para o enriquecimento do estudo. Verificamos que o desenvolvimento das ideias ocorre a partir da existência de necessidades materiais e de sua satisfação. Estas engendradas na divisão do trabalho e, sobretudo, na luta de classes – donos dos meios de produção e vendedores de força de trabalho – atuam sob influências de ideias e condições materiais que expressam as suas diferenças e, conseqüentemente, seus conflitos. As realidades vividas pelas comunidades influenciam as ideias científicas que serão desenvolvidas pelos homens e, estas, influenciam os enredos de cada tempo histórico.

Palavras-Chave: Teoria do Conhecimento, Complexidade, Interdisciplinaridade.

1. Introdução

O presente estudo tem por objetivos apresentar os fundamentos sobre a “Teoria do Conhecimento”, os conceitos de “Complexidade”, “Interdisciplinaridade”, “Ética, Ciência e Responsabilidade” apontados na disciplina “Teoria do Conhecimento e Métodos da Investigação Científica” e a relação destes termos com a pesquisa intitulada de “Processos Formativos do Feminismo na Educação do Campo: Análise Situacional no Assentamento Maria da Conceição (Orizona/GO)”.

A pesquisa tem a pretensão de compreender o campo como território e isso implicará discutir os processos educacionais e formativos como requisitos para o seu desenvolvimento. O objetivo central do estudo é identificar e analisar espaços formativos para a mulher do campo no Assentamento Maria da Conceição em Orizona/GO, que tenham como pauta discussões feministas voltadas para o seu empoderamento social e econômico, de maneira a (re)significar a inserção desta nas relações de trabalho existentes no campo.

Neste sentido, a investigação pretende perceber a transformação das mulheres como protagonistas de sua própria realidade, na busca de ampliar a formação de pessoas que possam entender e contestar as práticas socioeconômicas do universo capitalista. A pesquisa será desenvolvida considerando as bases epistemológicas do materialismo histórico-dialético, o que implica assumir a realidade como concreta, síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade.

A metodologia a ser utilizada neste estudo referencia-se na pesquisa bibliográfica, pois propicia embasamento teórico e fundamenta o estudo para o alcance dos objetivos propostos. As nossas análises e reflexões tomam por referências as obras de Andery (2006), Gomes (2007) e Matalo (1989) aos temas de Teoria do Conhecimento. Morin (1998) contribui com o tema Complexidade; a autora Cesco (2011) e os autores Schmitt et al (2006) embasam as considerações ao tema da Interdisciplinaridade. Por fim, Siqueira (2005) e outros autores fundamentam as reflexões aos temas Ética e Responsabilidade.

As aproximações iniciais sobre estes temas poderão subsidiar as nossas investigações sobre o processo de resistência em que as comunidades rurais se encontram, sobretudo, as mulheres, historicamente marginalizadas quanto à constituição, representatividade e direitos (não) adquiridos na sociedade.

2. Teoria do Conhecimento

A problemática do conhecimento ocupa espaço significativo nas discussões filosóficas e científicas sobre a concepção do saber no decorrer da história. Desde os primórdios, o homem, integrado a natureza, interage com ela para perpetuar-se como espécie e suprir suas necessidades. Diferentemente dos animais, “não se limita à imediatez das situações com que se depara, ultrapassa limites” (ANDERY, 2006, p. 10). Portanto, as ações humanas não são estruturadas apenas a partir do determinismo biológico, e sim, a partir das experiências vividas e dos conhecimentos repassados a cada geração, fazendo com que a natureza adquira também suas contribuições.

As alterações no ambiente não se restringem apenas às necessidades básicas do homem, novos desejos e satisfações fundamentam a busca de inovação em ideias e em ações que possam elaborar estes anseios de forma intencional e planejada. Assim, “as ideias são produtos que exprimem as relações que o homem estabelece com a natureza na qual se insere” (ANDERY, 2006, p. 10).

Com base nas relações humanas e sociais, está o trabalho, determinado e condicionado pelos meios existentes para o seu desenvolvimento. É o trabalho e sua organização que vai possibilitar as relações de propriedade aos instrumentos técnicos, o que compõe as bases econômicas da sociedade, a partir dos meios disponíveis para a produção dos bens materiais, o que acarreta divisão entre os produtores e donos da produção. As ideias, portanto, serão desenvolvidas por pessoas que não estão envolvidas com trabalhos manuais. Neste sentido, a economia determina “as formas políticas, jurídicas e o conjunto de ideias que existem em cada sociedade” (ANDERY, 2006, p. 11).

Em tempos distintos, a transmissão das técnicas se dará também por formas distintas. Antes, basicamente por forma oral, já na Grécia Antiga, com o início das relações comerciais, as técnicas serão desenvolvidas conjuntamente com a formação de Cidades-Estado, organização social e política existente por volta de 800 a.C. Neste período, as ideias são percebidas como “produto da existência humana (...) Elas são a representação daquilo que o homem faz, da sua maneira de viver, da forma como se relaciona com outros homens, do mundo que o circunda e das suas próprias necessidades” (ANDERY, 2006, p. 12).

O desenvolvimento das ideias ocorre a partir de necessidades materiais. Engendradas na divisão de produtores e donos da produção, classes sociais serão formadas sob a influência de ideias que também vão refletir estas diferenças e seus conflitos. A perspectiva de produção do conhecimento científico permeia a organização social desde o início da humanidade e não apenas no homem contemporâneo. Cada tempo histórico e as realidades vivenciadas vão influenciar as ideias científicas que serão desenvolvidas pelos homens e estas, mutuamente influenciarão os enredos de cada tempo.

“A ciência caracteriza-se por ser uma atividade metódica” (ANDERY, 2006, p. 14). Enquanto tentativa de explicação das realidades e a busca destes conhecimentos, a ciência busca formas que poderão ser reproduzidas através de métodos científicos, que também serão mutáveis, visto que são relacionados a realidades concretas de momentos históricos em que o objeto de investigação para produção de conhecimento pretende ser desenvolvido. Como exemplos, podemos citar os métodos de observação e experimentação, considerados no século XVI, a partir de Galileu.

O método considerado como reflexo das necessidades e possibilidades materiais, pode existir em tempos históricos diferentes, com interesses e necessidades diferentes, com concepções diferentes e ainda, por métodos diferentes, sujeito a interferências e concepções

diferentes, o que possibilita perceber cada contribuição científica num dado momento da história com olhar em busca da compreensão de como a ciência se apresenta nos dias atuais (ANDERY, 2006).

Vale ressaltar que, na Antiguidade, foram os gregos que se preocuparam com a sistematização filosófica e com a formação e as condições do conhecimento. Esta preocupação constituiu-se através da “intuição” o que possibilitou a geração de teorias desvinculadas do saber místico. Como característica do pensamento grego a “epistémé” buscava ir além de fenômenos empíricos e distinguia os conhecimentos em: prático (ligado ao trabalho) e teórico (ligado ao prazer de saber). Destacam-se os filósofos gregos Platão, Aristóteles, Pitágoras e Euclides, no desenvolvimento de conhecimentos desvinculados das necessidades básicas de sobrevivência (MATALO, 1989).

Nas contribuições de Platão encontramos a Teoria das Formas, a qual utiliza-se da intuição como forma de pensamento superior. Para Platão “não se pode conhecer uma coisa que deixa de ser ela mesma na sucessão do tempo” (MATALO, 1989, p. 14). Não acredita no conhecimento ao mundo sensível, visto que, está em mudanças constantes; acredita, portanto, em algo que possa estar presente permanentemente, sua essência, que segundo ele, estará em sua Forma ou Ideia. Será sob esta influência que a Dialética irá se desenvolver.

Em Aristóteles, o método utilizado é o da indução, processo que tem como objetivo formular leis gerais a partir da observação de fatos. De acordo com suas ideias, o conhecimento deve ser iniciado pelo estudo das coisas, mas não se resume a isto. “A associação da indução e a dedução, a investigação de situações particulares e a formulação de princípios explanatórios que, por meio da dedução, explicarão novas ocorrências” (MATALO, 1989, p. 15). Assim, o conhecimento consiste nas propriedades das coisas enquanto pertencentes a uma classe; parte, portanto, para a formulação de princípios de acordo com sua classificação e lógica formal. No âmbito social as contribuições são iniciadas por Platão e Aristóteles.

Em Pitágoras e Euclides as contribuições foram no campo da geometria. Pitágoras com o “teorema das áreas do triângulo retângulo” e Euclides “no desenvolvimento do método axiomático” (MATALO, 1989, p. 16).

Sócrates apresenta distinção entre opinião e ciência, de forma a priorizar a ciência por seu encadeamento racional e portanto, transformada em conhecimento. O valor da opinião nem sempre condiz com argumentações que possam comprová-las, por sua vez, estão relacionadas a informações de senso comum.

O senso comum é um conjunto de informações não-sistematizadas que aprendemos por processos formais, informais e, às vezes, inconscientes, e que inclui um conjunto de valorações. Essas informações [...] podem incluir fatos históricos, doutrinas religiosas, lendas [...], informações científicas popularizadas pelos meios de comunicação de massa, bem como a experiência pessoal acumulada (MATALO, 1989, p. 16).

Ao emitir uma opinião, baseamos no senso comum e estes argumentos nem sempre podem ser comprovados. As valorações não podem ser submetidas a testes de veracidade, e assim, não podem ser definidas como verdadeiras ou falsas, somente se são boas ou não entre outros juízos de valor. É comum, a tentativa de justificar valores relacionando crenças que já estão impregnadas no senso comum, entretanto, é aceitável que a ciência seja o senso comum mais refinado, segundo alguns epistemólogos, pois é ele a base a qual se “constroem as teorias científicas” (MATALO, 1989, p. 18).

O pensamento popular, percebe o conhecimento como reflexo da observação, pela percepção dos sentidos. Em algumas situações, poucas observações tornam afirmações aceitáveis ou não, entretanto, às vezes nenhuma observação faz-se necessária. A suficiência não terá a experiência como mecanismo de definição, e sim, de conhecimento teórico anterior a esta mesma experiência, mesmo que seja a partir do senso comum. A observação por si não é segura, pois fatores culturais, pessoais, expectativas, a experiência sensorial e a subjetividade, de uma forma geral, podem influenciar no resultado final (MATALO, 1989).

Em relação as teorias, percebemos que elas não se aplicam a qualquer coisa, mas a fatos e fenômenos específicos. Possuem um encadeamento racional e são, de acordo com o que é possível, livres de valorações e subjetividades. Tem como característica a solução de problemas e portanto, surgem a partir deles, decorrentes em sua maioria, de necessidades práticas. Em seu aspecto observacional, são precedidas por algum tipo de teoria e conceitos. Estes conceitos constituem suas conjecturas e estas, por sua vez, possuem caráter explicativo e são as que abrem caminhos para o desenvolvimento da ciência moderna. Em seu processo de formulação contextualizam descobertas científicas e estas necessitam de um método que possa testar as teorias e hipóteses, assim, justificam-se. “As teorias são conjecturas que se apresentam como estruturas, que fornecem explicações tanto para as regularidades como para as irregularidades da natureza” (MATALO, 1989, p. 27).

As contribuições de Horieste Gomes, apontam-nos sobre a validade do nosso conhecimento, a capacidade de conhecimento limitada ou infinita e sobre o papel do pesquisador como sujeito da ciência moderna e da transformação social. Inicialmente o autor afirma que nossos conhecimentos são dependentes de fatores objetivos e subjetivos existentes

na realidade; e ainda, que o conhecimento não se apresenta de forma acabada e definitiva, já que o mundo está submetido ao movimento dialético contínuo.

Para o autor, o conhecimento atravessa por duas etapas: sensorial e conceitual. Na sensorial, percebemos o mundo exterior e a realidade objetiva da natureza e da sociedade. Na conceitual, o que percebemos no plano conceitual está ligada ao sensorial, e está ligada ao mundo interior, em nossa realidade subjetiva da consciência, aglutina os fenômenos e os sintetiza (GOMES, 2007).

É através da prática no trabalho desempenhado que será possível verificar a autenticidade do conhecimento. “É pela prática produtiva diária que o homem amplia as suas possibilidades de conhecer o mundo objetivo que o rodeia e que existe fora de sua consciência” (GOMES, 2007, p. 18). Utiliza a lógica da dialética e afere que por mais que o critério da verdade se assente na prática, estes resultados precisam ser analisados criticamente na realidade objetiva.

A capacidade cognitiva do homem, amplia-se e possibilita que nosso saber aprimore-se. A verdade objetiva se encontra nas verdades relativas e estas se aproximam das verdades absolutas, não negando a verdade objetiva das coisas através do uso de métodos. “Trata-se de um conjunto de princípios, normas e procedimentos de investigação teórica e de atividade prática que utilizamos na abordagem dos fenômenos da natureza e da sociedade” (GOMES, 2007, p. 21). É sob a percepção do materialismo científico, que a verdade se revela como objetiva, concreta e relativa, o que diz respeito a realidade não abstrata. Absoluta, pois cada momento de análise reflete a absoluta realidade objetiva; Relativa por não ser completa e acabada; absoluta, por possuir elementos do conhecimento universal.

Gomes (2007) apresenta itens elementares sobre a teoria do conhecimento, são eles: movimento e mudança são características do mundo objetivo; a dialética deve ser entendida como método de pesquisa aos fenômenos da natureza e da sociedade; a dialética é concebida como ciência das ligações e ainda, a assimilação da verdade só é possível pela passagem do conhecimento do particular ao geral.

Em relação a sociedade, o pesquisador está vinculado a dialética de relações sociais e simboliza o sujeito da ciência que coleta dados a partir dos modos de vida e das condições concretas que determinam os temas que serão objetos às investigações científicas. O valor atribuído à ciência resulta de conceitos e de escala de valores dos cientistas, que só incorporam novas criações científicas a partir dos resultados objetivos. Portanto, para realizar-se como

cientista social, será necessário que o pesquisador desfrute de liberdade para pensar, efetivar sua investigação, avançar a ciência com responsabilidade, e como premissa básica de sua missão científica (MATALO, 1989).

3. Complexidade

A obra “A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI” de Edgar Morin fundamenta nossas aproximações iniciais sobre o tema Complexidade. Inicialmente, o autor apresenta o tema de acordo com suas experiências como professor e testemunha as dificuldades referentes a cientificidade a partir dos relatos de seus alunos, que questionam não as formas ou a qualidade do ensino que estão inseridos, mas sim, sobre o conteúdo. Não vislumbram a finalidade e as razões do que lhes é ensinado. Sentem falta de maior acesso ao pensamento científico que deverá dar resultados ao que eles devem aprender e ensinar posteriormente.

Esta constatação aplica-se a todos os níveis de ensino e retomam as origens (as raízes) das concepções positivistas em que a ciência esteve exposta no século XXI, conjuntura de mudanças econômicas e sociais que afetaram o “progresso” dos conhecimentos e da ciência. Esta tese se apresenta como positivista, pois foi anunciada por Auguste Comte (1830) no início do Curso de Filosofia Positiva. Desde então, a ciência não interroga sobre as causas dos fenômenos os quais estuda, mas estabelece “as leis que unem entre si os fatos regularmente observados” (LECOURT, 1998, p. 522).

O autor direciona a definição de aplicação da ciência segundo “o uso é feito dos princípios e verdades que pertencem a uma delas para aumentar e aperfeiçoar a outra” (LE MOIGNE, 1998, p. 524). Para ele, as ciências são ensinadas como soma de resultados atualizados e ainda, como conjunto de procedimentos refinados. O pensamento científico é mutável, logo, pressupõe progressões, o que deve orientar que nos engajemos na maturação filosófica sobre as concepções do saber e sua complexidade.

Os sistemas de ensino possuem paradigmas epistemológicos e portanto, não basta dizer que estes são problemáticos e possuem defeitos e sim, propor outros novos que legitimem os conhecimentos que nós transmitimos durante nossa trajetória. “A complexidade é um problema, é um desafio e não uma resposta. Mas o que realmente é a complexidade? À primeira vista, é o que não é simples” (LE MOIGNE, 1998, p. 559).

Ao longo da história, a ideia de complexidade pode ser estabelecida entre a ideia do que é ordem, desordem e organização, de formas separadas e não integradas, pois o todo é entendido como “é algo mais do que a soma de suas partes” (MORIN, 1998, p. 562). Portanto, percebemos que o conhecimento das partes desintegradas não é suficiente para o conhecimento do todo e o conhecimento do todo, não pode acontecer de forma isolada ao conhecimento de cada parte. Esta é a ideia de organização presente que impõe e inibe algumas partes que possuem dificuldades em se apresentar como concepção.

Quanto a complexidade o autor afirma que:

Significa “o que está ligado, o que está tecido”. E é esse tecido que é preciso conceber [...] Como a complexidade reconhece a parcela inevitável de desordem e de eventualidade em todas as coisas, ela reconhece a parcela inevitável de incerteza no conhecimento. É o fim do saber absoluto e total. A complexidade repousa ao mesmo tempo sobre o caráter de “tecido” e sobre a incerteza. Eis dois desafios de importância capital [...] É preciso separar, distinguir, mas também é necessário reunir e juntar (MORIN, 1998, p. 564).

Estes são os desafios da complexidade e estes apresentam-se por todas as partes. Ao almejarmos um conhecimento mais amplo, é preciso buscar contextualizar e envolver os saberes, as informações, e a busca de um conhecimento que seja mais complexo. Diferentemente da ideia de especialização dos saberes, a complexidade busca princípios norteadores para organização do conhecimento de forma abrangente e com a permanente busca de unificar as partes e o todo do conhecimento produzido.

4. Interdisciplinaridade

O texto “Interdisciplinaridade e Pós Graduação” de Schmitt et al, remete a abordagem disciplinar e as fases de aquisição do conhecimento propondo estratégias de integração entre as áreas e saberes. Em relação aos processos de aquisição do conhecimento, percebemos que estes são constituídos por etapas diferentes e complementares: Pré-disciplinar (conhecimento despertado através do equilíbrio entre a sensação, o sentimento, a razão e a intuição); Fragmentação Multi e Pluri-disciplinares (conhecimento fragmentado em inúmeras disciplinas, pela separação em níveis do ser, do sujeito, do conhecimento e do objeto conhecido); Interdisciplinar (surge do esforço de encontro entre as disciplinas, tende a reunir conjuntos abrangentes); Transdisciplinar (tentativa de sair da crise de fragmentação em que se encontra o conhecimento humano); Holística (tentativa de retorno à primeira fase, pré-disciplinar) (SCHMITT et al., 2006).

Segundo os autores, a palavra interdisciplinaridade “tem sido uma palavra mal compreendida nos meios acadêmicos” (SCHMITT et al., 2006, p. 297), um de seus motivos

para tal parte da incompreensão sobre o que é o conceito de disciplina. Seu conceito pressupõe um conjunto de conhecimentos com características próprias sob a ótica e a aplicação em planos de ensino, matérias e seus métodos. A partir do uso do conceito disciplina, outros notórios termos são utilizados e, portanto, devem receber significativa apresentação.

A disciplinaridade preocupa-se com os fragmentos de um nível de realidade, cuida de um saber com definições de fronteiras, como a química e a física, por exemplo. A multidisciplinaridade extravasa e se preocupa em estudar um objeto de pesquisa com contribuições de várias outras simultaneamente. A pluridisciplinaridade, apresenta índices de cooperação entre disciplinas envolvidas num mesmo estudo. Já a interdisciplinaridade surge para promover interação entre as disciplinas envolvidas o que gera enriquecimento mútuo para ambas as partes a partir de métodos e estruturas com conceitos aglutinados por diferentes disciplinas. A transdisciplinaridade se preocupa com o que está entre as disciplinas “através de diferentes disciplinas e além de todas as disciplinas” (SCHMITT et al., 2006, p. 300).

No texto “Interdisciplinaridade e temas socioambientais” de Susana Cesco percebemos que a autora apresenta a área interdisciplinar como área de conhecimento de maior crescimento no Brasil, segundo dados da Capes (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior). Possivelmente este número tem crescido devido a necessidade da sociedade responder questões complexas em temas como meio ambiente, desenvolvimento, economia entre outros, o que pressupõe a integração de várias áreas e saberes.

Segundo a autora “o desafio da interdisciplinaridade passa, pela questão institucional e estende-se até a forma e os métodos de avaliação dos trabalhos interdisciplinares” (CESCO, 2011, p. 327). Percebemos que há a necessidade de disciplinas que trabalham questões concretas colaborarem com outras que trabalham com outros aspectos e outras dimensões.

Neste sentido, insere-se a temática socioambiental que não se restringe a uma área específica de conhecimento, mas a variadas áreas, na busca de compreensão do tema em sua totalidade e novas abordagens que enriquecem as reflexões, assim, novas práticas são estimuladas e há estímulo para outras estruturais mais plurais e universais. Dessa forma, alguns Programas de Pós Graduação recentemente criados, apresentam perspectivas de avanços quanto a ampliação e a visibilidade deste tema, o que deverá fomentar outras iniciativas com estes propósitos de abrangência em comum.

5. Ética, Ciência e Responsabilidade

Sem dúvida, o desenvolvimento da ciência e de inovações tecnológicas trouxeram prosperidade para pessoas em todo o mundo, porém em seu uso, a ciência distingue-se em serviços de uso coletivo e ainda, em serviços de poucos com interesses individuais. Muitas tecnologias possibilitaram avanços e facilitaram a vida humana a partir de cientistas, que de acordo com o pensamento em cada época, satisfizeram as necessidades do homem. Há a necessidade de diálogo permanente entre a ética e a ciência, para que repensemos a conduta humana para uma relação mais harmoniosa com a natureza e a sociedade de forma geral (PROTA, 2005).

A ética de responsabilidade é sugerida por Max Weber e refere-se a moral individual e pressupõe que a moralidade deve estar dissociada a religião. Os ideais morais desempenham papéis primordiais em relação aos ideais de pessoa humana que resultem em atitudes práticas eficazes, independentemente de crenças ou religiões. Estas ideias constituem-se nos ideais de perfeição, de responsabilidade, de amor ao próximo e ainda, de liberdade. Estes ideais refletem em comportamentos e ações, dotados de objetividade em cada realidade (PROTA, 2005).

Em relação ao comportamento humano e sua interação com o meio ambiente, é possível perceber que a responsabilidade deste comportamento com a preservação da natureza para as futuras gerações é imenso. A conservação ou destruição do planeta relaciona-se a ética e responsabilidade com a “casa de todos” (GRANGE, 2005, p. 145).

Em nome do progresso técnico científico e do crescimento econômico, a degradação ambiental tem sido intensificada ao longo da história. Os problemas socioambientais percebidos na atualidade impactam não só o desequilíbrio da natureza como na vida do planeta: o agravamento da saúde das pessoas em detrimento de problemas respiratórios e alérgicos, câncer de pele, o aumento da fome, a contaminação da água, do solo, o aumento da radiação, impactam diretamente as pessoas. A responsabilidade sobre o meio ambiente e os impactos na vida da população são comuns a todos e, portanto, são necessários mecanismos éticos que envolvam as pessoas num projeto de habitar o planeta com harmonia (SIQUEIRA, 2005).

Em relação a produção de pesquisa científica, no Brasil, o CONEP (Conselho Nacional de Estudo e Pesquisa) é uma instância colegiada, de caráter consultivo e educativo, vinculada ao CNS (Conselho Nacional de Saúde) do Ministério da Saúde. As informações acessadas virtualmente sobre o CONEP evidenciam que o órgão possui autonomia e

desvinculação de influências institucionais ou corporativas e em sua composição, possui representantes da sociedade civil e técnicos com o objetivo de atribuir aspectos éticos nas pesquisas relacionadas aos seres humanos, além de coordenar Comitês de Ética em Pesquisas nas variadas instituições do país. Compete a este colegiado, acompanhar procedimentos de pesquisa com humanos em áreas especiais, como indígenas, entre outros, por exemplo.

Percebemos a necessidade do pesquisador se manter em posturas éticas diante de suas investigações, visto que não existe pesquisa sem risco, pois seu desenvolvimento e sua avaliação estão relacionados a subjetividades que envolvem aspectos comuns, mas também diferenciam-se quanto a utilização de métodos entre outros fatores. Evitar possibilidades tendenciosas, por exemplo, na elaboração de questionários e entrevistas, com consentimentos voluntários e em busca de experimentos e dados que tragam resultados para a sociedade passa fundamentalmente por uma postura ética de pesquisa. Através da elaboração precisa do roteiro de pesquisa e a escolha de métodos adequados a cada tipo de pesquisa, poderemos enriquecer nosso trabalho com informações e detalhes que podem nos evidenciar outros problemas.

6. Considerações Finais

Os temas Teoria do Conhecimento, Complexidade, Interdisciplinaridade, Ética, Ciência e Responsabilidade foram apresentados a partir de breves considerações discutidas e refletidas durante as aulas da disciplina “Teoria do Conhecimento e Métodos da Investigação Científica” no Programa de Pós Graduação em Ambiente e Sociedade, da Universidade Estadual de Goiás.

Percebemos que ao longo da história, as concepções que desenvolveram o conhecimento, passaram por estágios distintos e cada qual contribuiu significativamente para seu avanço em contextos sob os quais estavam submetidos. Neste sentido, a complexidade do conhecimento científico, apresentada por Edgar Morin, remete-nos a necessidade de abranger de forma ampla as concepções distintas na busca de integrar o todo como conhecimento que pode e deve estar “tecido junto” a outras contribuições, realidades e saberes.

O conceito de interdisciplinaridade, surge, portanto, para promover a integração entre disciplinas com o objetivo de gerar enriquecimento mútuo para as áreas envolvidas a partir de métodos e estruturas com conceitos aglutinados por abordagens distintas.

A ética, a ciência e a responsabilidade apresentadas neste estudo, exprimem a necessidade de percebermos as condutas de cada indivíduo para o desenvolvimento de pesquisas e de conhecimento que possam refletir na natureza, na sociedade e na harmonia com

o planeta. A responsabilidade passa necessariamente por um diálogo que envolva temas complexos e interdisciplinares no intuito de gerar novos conhecimentos que respondam as necessidades do homem moderno, visto a quantidade de problemas vivenciados, principalmente relacionados as temáticas socioambientais, objeto de investigação do Programa em Ciências Ambientais, que se expandem a cada ano, segundo os dados da CAPES.

Neste sentido, os temas abordados apresentam coerência na utilização de seus termos e conceitos, e consonância com o projeto de pesquisa a ser desenvolvido intitulado de “Processos Formativos do Feminismo na Educação do Campo: Análise Situacional no Assentamento Maria da Conceição (Orizona/GO)”.

A pesquisa tem a pretensão de compreender o campo como território e isso implicará discutir os processos educacionais e formativos como requisitos para o seu desenvolvimento. O objetivo central do estudo é identificar e analisar espaços formativos para a mulher do campo no Assentamento Maria da Conceição em Orizona/GO, que tenham como pauta discussões feministas voltadas para o seu empoderamento social e econômico, de maneira a (re)significar a inserção desta nas relações de trabalho existentes no campo.

Portanto, realizar discussões ligadas aos processos formativos advindos de práticas educativas institucionalizadas (escola), no contexto dessa proposta de pesquisa, não se vincula apenas à educação escolar, mas compreende a educação rural ligada ao “ser humano e na produção de sua existência” (MARTINS, 2009, p. 13). Neste sentido, estabelecemos os seguintes questionamentos para orientar a nossa pesquisa:

- a. No Assentamento Maria da Conceição em Orizona/GO existem grupos de trabalhadores rurais organizados em torno da agricultura familiar?
- b. Tanto no Assentamento em si, quanto nos grupos de trabalhadores rurais como se dá a inserção da mulher nas relações de trabalho?
- c. Existem espaços de formação da mulher do campo que têm como pauta discussões feministas voltadas para o seu empoderamento social e econômico?

Neste sentido, a investigação pretende perceber a transformação das mulheres como protagonistas de sua própria realidade, na busca de ampliar a formação de pessoas que possam entender e contestar as práticas socioeconômicas do universo capitalista. A pesquisa será desenvolvida considerando as bases epistemológicas do materialismo histórico-dialético, o que implica assumir a realidade como concreta, síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade.

Sua abrangência envolve a discussão territorial, o ambiente rural, a educação, movimentos sociais, atividades socioeconômicas, políticas e ambientais. Por meio deste estudo pretendemos apontar indicadores de ampliação e fortalecimento destes espaços formativos para mulheres e analisar seus processos no sentido de contribuir para a emancipação destas nas comunidades em que vivem, por sua vez, inseridas num universo maior, a sociedade capitalista.

Desenvolver esta pesquisa abrange a possibilidade de conhecimento interdisciplinar, visto que, temas relacionados a vida das mulheres nessas comunidades, sua alimentação, saúde, o vínculo e o cuidado com a terra, as plantas e os animais, seus costumes de forma geral, evidenciam uma tendência de enriquecimento do estudo, a partir de contribuições de outras áreas, como a nutrição, a medicina, a biologia e a pedagogia, na busca de análise do objeto de investigação a partir de métodos e estruturas com conceitos aglutinados por essas abordagens distintas e que podem ser complementares, por exemplo. Neste sentido, a complexidade poderá ser vinculada a partir da possibilidade deste conhecimento e destas áreas ser “tecido junto” e ampliar possibilidades de percepções e resultados que possam contribuir para a vida destas protagonistas e da sociedade, de forma geral.

O envolvimento de aspectos éticos nesta pesquisa estarão pautados inicialmente pelo desenvolvimento voluntário de cada uma das mulheres que vivem no assentamento neste estudo. Somente com a aceitação delas, poderemos ter acesso a sua comunidade, observar seus hábitos, seu cotidiano e investigar a partir da coleta de dados, da aplicação de questionários e de entrevistas, os objetivos propostos com o intuito de alcançar resultados que possam potencializar os indicadores que serão evidenciados neste processo.

Entender como a consciência política impacta a tomada de decisão da mulher do campo em sua própria vida e em sua casa é de relevância, visto que, historicamente a ausência de remuneração, colocou a mulher em posições de subordinação e a levou a procurar trabalho em ambiente externo, às jornadas duplas com baixa remuneração e quase sempre invisíveis profissionalmente socialmente.

Diante das dificuldades educacionais, como o analfabetismo ou a baixa escolaridade, atrelada ao desconhecimento de direitos e inexistência de políticas públicas, é necessário investigar como se dão os processos formativos para estas mulheres na região Sudeste de Goiás, quais as metodologias empregadas e como o feminismo, pauta presente na organização de movimentos sociais, impacta na vida delas, da família e da comunidade. Acreditamos que este estudo, poderá possibilitar a percepção e compreensão dos direitos

conquistados, a efetividade das ações por meio do empoderamento social e econômico das mulheres que vivem em áreas rurais.

7. Referências

ANDERY, M. A. et al. Introdução. In: ANDERY, M. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Disponível em:
<http://conselho.saude.gov.br/Web_comissoes/conep/index.html>. Acesso em: 09 jun. 2016.

CESCO, S. Interdisciplinaridade e temas socioambientais. **Estudos avançados**, v. 25, n. 72, p. 327-330, 2011.

GOMES, H. Teoria do conhecimento. In: GOMES, H. **Reflexões sobre a teoria e crítica em geografia**. 2ª ed. Goiânia: UCG, 2007.

GRANGE, L.; ARANTES, O. M. N. Conclusão. In: Siqueira, J. E. ET AL. **Ética, Ciência e Responsabilidade**. São Paulo: Loyola / Centro Universitário São Camilo, 2005.

LE MOIGNE, J. Complexidade e sistema. In: MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Trad. E notas Flávia Nascimento. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LECOURT, D. A cientificidade. In: MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Trad e notas: Flávia Nascimento. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MARTINS, Fernando José. Educação do campo: processo de ocupação social e escolar. **II Congresso Internacional de Pedagogia Social**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, mar. 2009. Disponível em:
<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092008000100006&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 11 dez. 2015.

MATALO JUR., H. A problemática do conhecimento. In: CARVALHO, M. C. **Construindo o saber – Metodologia científica: Fundamentos e técnicas** – 2ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 1989.

MORIN, E. Os desafios da complexidade. In: MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PROTA, L. A ética da responsabilidade. In: SIQUEIRA, J. E. et al. **Ética, ciência e responsabilidade** / São Paulo: Loyola. Centro Universitário São Camilo, 2005.

SCHMITT, V. Interdisciplinaridade e Pós-Graduação. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande. Vol 6, nº 2, p. 295-304, 2006.

SIQUEIRA, J. E. et al. A responsabilidade pela natureza extra-humana. In: SIQUEIRA, J. E. et al. **Ética, ciência e responsabilidade**. São Paulo: Loyola / Centro Universitário São Camilo, 2005.